



GILSON, E. *Le Thomisme*. Paris: Librairie Philosophique Vrin, 1989, 478 pgs. ISBN 2-7116-0297-4.

por *Paulo Faitanin*

E. Gilson [1884-1978] este francês foi sem dúvida uns dos maiores historiadores da Filosofia Medieval de nossa época. Filósofo católico tomista. Doutor em Filosofia em 1913. Já por estes anos dedica estudos a São Tomás de Aquino, tendo surgido o *Le Thomisme* em 1919. A Primeira redação do seu célebre *La Philosophie au Moyen Âge* é de 1922, tendo aparecido numa edição revista e ampliada em 1986. Professor na Universidade de Lille, na Universidade de Estrasburgo. Fundador do *Institute of Mediaeval Studies* na Universidade de Toronto. Fundador da coleção *Archives d' Histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge*. Brillhante conferencista, dedicado historiador e ardente defensor de uma Filosofia metafísica Cristã de inspiração tomista e fundamentada na filosofia do ser *actus essendi*, inspirada e instituída no Êxodo 3, 14, onde Deus se revela a Moisés como *Eu Sou*. A inspiração bíblica da metafísica medieval é ressaltada por Gilson, que sempre sustentou o conceito de uma filosofia para a qual os dogmas cristãos contribuem com doutrinas, não apenas com uma atitude de espírito. Resenharemos a seguir o *Le Thomisme*, obra indispensável para quem deseja entrar nas águas profundas do saber tomista, guiados pelas mãos de um historiador da filosofia medieval e profundo conhecedor da metafísica cristã de inspiração tomista.

O livro apresenta um curto **Prefácio** onde o autor refere-se às antigas edições e atuais revisões [referente à sexta edição que saiu à luz em 1964]. Segue-se a **Introdução** que trata da Natureza da Filosofia Tomista, dividindo-se em duas partes: a primeira intitulada *O Quadro Doutrinal*, onde procura estabelecer e caracterizar a filosofia tomista como filosofia cristã, p. 14; a segunda se intitula *A Filosofia e a Crença*, em que resume a fronteira da filosofia e da teologia dizendo que 'uma filosofia é inicialmente uma filosofia e esta evidência não muda quando a filosofia é inicialmente teológica', p. 35.

A **Primeira Parte** intitula-se *Deus*. Dividida em quatro capítulos, o autor trata sequencialmente no **Capítulo Primeiro** *O problema da existência de Deus*, onde analisa no parágrafo I, da *Evidência da existência de Deus*, onde considera a posição dos filósofos e teólogos que afirmam ser a existência de Deus uma evidência imediata, p. 51. O parágrafo II, *As teologias da essência*, entra na questão metafísica de se haveria algum ser que não fosse imediatamente inteligível. O autor expõe o problema do seguinte modo: 'Como se poderá dizer que uma coisa é, se não se pode dizer o que ela é?', p. 53. O parágrafo III, *A existência de Deus como problema*, é crucial para o autor

demarcar o essencial deste capítulo que é sustentar – contra os teólogos essencialistas - a impossibilidade do conhecimento da essência divina, tal como ela é, sem que com isso se anule completamente a possibilidade de demonstrar a sua existência, p. 60. No **Capítulo Segundo**, *As provas da existência de Deus*, o autor procura analisar cada uma das provas que apresenta o Aquinate. No parágrafo I, *Prova pelo movimento*, que é o fundamento das quatro outras provas, p. 67; no parágrafo II, *Prova pela causa eficiente*, onde atesta a impossibilidade de ir-se ao infinito em qualquer um gênero das quatro causas, p. 76; no parágrafo III, *Prova pelo necessário*, difere o contingente do necessário e estabelece que o que é possível é contingente e não existe por si, p. 79; no parágrafo IV, *Prova pelos degraus de ser*, dedica-se mais extensamente a esta por constatar que é a que é mais passiva de múltiplas interpretações, p. 82; no parágrafo V, A prova pela causa final, trata brevemente de como é impossível que coisas opostas possam ser retamente ordenadas se não existisse um governo que as conduzissem para um mesmo fim, p. 87; e, por fim, no parágrafo VI, *Sentido e contribuição das cinco vias*, o autor faz um balanço positivo da originalidade das cinco vias e diz que todos os teólogos fiéis ao concílio Vaticano I (esta obra é anterior ao concílio vaticano II) sustentam que a existência de Deus é demonstrável pela razão natural, p. 89. No **Capítulo Terceiro**, *O ser divino*, no parágrafo I, *Haec sublimis veritas*, o autor apresenta a sua original metafísica do Êxodo, III, 13-14, tese em que afirma estar subjacente o nascimento da metafísica na resposta de Deus a Moisés, p. 99; no parágrafo II, *O conhecimento de Deus*, onde trata das doutrinas tomistas da unidade da essência divina, da Trindade das pessoas divinas e os efeitos produzidos pela divindade, p. 113 e aborda como questão central para o conhecimento de Deus o método analógico, p. 121; no parágrafo III, *As perfeições de Deus*, analisa com maior atenção a inteligência, a vontade e a vida, p. 129; no parágrafo IV, *O criador*, considera a onipotência divina e seu efeito, ou seja, a criação, p. 141. No **Capítulo Quarto**, *A reforma Tomista*, trata no parágrafo I, *Uma nova teologia*, marca a originalidade do método teológico tomista que se fundamenta no próprio conhecimento natural das coisas, p. 153; no parágrafo II, *Uma nova ontologia*, Gilson faz um breve apanhado histórico da interpretação da doutrina do ser em Tomás de Aquino e sublinha aquelas doutrinas – personificadas em Caetano – que se equivocaram ao não perceber a profundidade da tese do *actus essendi* do Aquinate, como sendo determinante para a inovação da ontologia, p. 169.

A **Segunda Parte** intitula-se *A natureza*. Dividida em oito capítulos, o autor trata sequencialmente no **Capítulo Primeiro**, *A criação*, onde trata do problema da interpretação da expressão *ex nihilo* e da possibilidade de que o mundo fosse eterno, p. 193. No **Capítulo Segundo**, *Os Anjos*, trata da

exposição da natureza das substâncias separadas e aponta para a atualidade do tema no que se refere ao redescobrimto, bem como de sua interpretação equivocada na doutrina astronômica, p. 209. No **Capítulo Terceiro**, *O mundo dos corpos e a eficiência das causas segundas*, o autor considera a cosmologia tomista, bem como seus principais conceitos, embora dê destaque a doutrina da matéria e do movimento, p. 225. No **Capítulo Quarto**, *O homem*, o autor detém-se amplamente na psicologia tomista, deixando de tratar mais profundamente da doutrina do corpo humano, p. 241. No **Capítulo Quinto**, *A vida e os sentidos*, Gilson expõe a doutrina do Aquinate acerca da origem da vida sensível do interior da potência da matéria primeira, p. 255. No **Capítulo Sexto**, *O intelecto e o conhecimento racional*, o autor expõe a gnosiologia tomista, dando ênfase à doutrina do intelecto agente e da abstração intelectual para a formação dos conceitos, p. 263. No **Capítulo Sétimo**, *Conhecimento e verdade*, que é uma continuação do capítulo anterior, o autor se dedica a expor detalhadamente o processo do conhecimento intelectual e assinala a verdade como aquilo a que tende, como objeto próprio, a ação intelectual, p. 281. No **Capítulo Oitavo**, *O apetite e a vontade*, Gilson introduz a análise de dois significativos conceitos para a ulterior apresentação da doutrina moral do Aquinate, p. 297.

A **Terceira Parte** intitula-se *A moral*. Dividida em quatro capítulos, o autor trata sequencialmente no **Capítulo Primeiro**, *O ato humano*, considera no parágrafo I, *A estrutura do ato humano*, em que o autor analisa a ação humana sob a égide da vontade livre do homem, p. 314; no parágrafo II, *Os hábitos*, onde Gilson analisa o hábito como a repetição da ação humana livre, p. 319; no parágrafo III, *O bem e o mal. As virtudes*, o autor analisa a moralidade das ações humanas, bem como os atos que dela procedem, sejam eles bons, as virtudes, sejam eles maus, os vícios, p. 322; no parágrafo IV, *As leis*, trata dos princípios que regem a vida em sociedade, p. 328. No **Capítulo Segundo**, *O amor e as paixões*, Gilson destaca que é na experiência moral que as teorias tomistas ganham grande relevo e se revelam a genialidade do Aquinate, p. 335. No **Capítulo Terceiro**, *A vida pessoal*, o autor aplica a dimensão moral própria do homem para a formação do seu caráter e para o desenvolvimento de sua natureza, p. 353. No **Capítulo Quarto**, *A vida social*, Gilson aplica a doutrina moral na vida social da pessoa, a noção de direito e justiça, dando destaque à tese aristotélica de que o homem é um animal social, p. 375. No **Capítulo Quinto**, *A vida religiosa*, o autor desenvolve a filosofia da religião tomista, onde destaca o papel da religião, como virtude anexa da justiça, p. 406. No **Capítulo Sexto**, *O fim último do homem*, trata de uma questão fronteiriça com a teologia, ou do tema da felicidade, a visão beatífica, p. 429. No **Capítulo Sétimo**, *O espírito do tomismo*, o autor faz um balanço final e positivo acerca das



principais teses do Aquinate, enquanto compõem uma doutrina unificada e correlata à teologia, p. 437.

A obra apresenta ainda **Apêndices, I, A vida de São Tomás e II, As principais obras de São Tomás de Aquino**, pp. 461-464. Uma *Tabela de nomes próprios* e outra *Tabela analítica das questões tratadas* muito úteis são apresentadas ao fim da mesma. A todos que desejam ser iniciados no estudo do Tomismo recomenda-se a leitura desta densa, mas não menos necessária introdução ao pensamento de São Tomás de Aquino.